

Abertura do Simpósio Internacional Mariátegui no Século XXI

Waldir José Rampinelli
Professor do Departamento de História
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

José Carlos Mariátegui – escritor, intelectual, jornalista, socialista, antimperialista e fundador da Revista Amauta – realizou uma síntese dialética entre o universal e o particular, entre o internacional e o latino-americano.

Michael Löwy afirma que “seu pensamento se caracteriza, precisamente, pela fusão entre a herança cultural europeia mais avançada e as tradições milenárias da comunidade indígena e pela tentativa de assimilar, dentro de um marco teórico marxista, a experiência social das massas camponesas”. Na verdade, Mariátegui trabalhou uma renovação revolucionária do marxismo na América Latina: o indoamericanismo.

Mariátegui vai mostrar que “não existe no Perú, como nunca existiu, uma burguesia progressista, com uma sensibilidade nacional, que se proclame liberal e democrática e que inspire sua política em princípios de sua doutrina”. Por isso, rompe com Vitor Raúl Haya de la Torre na luta antimperialista.

Para Mariátegui a revolução latino-americana somente poderá ser uma revolução socialista que inclua objetivos agrários e antimperialistas. Em um continente submetido à dominação dos impérios, não existe lugar para um capitalismo independente. Que o diga a tentativa da “Revolução de Outubro” na Guatemala de Jacobo Arbenz Guzman.

Florestan Fernandes, intelectual da sociologia militante, chega a dizer que o livro *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* é a mais importante obra marxista latino-americana. Ao analisar as heranças as três heranças culturais – espanhola, francesa e estadunidense –, Mariátegui afirma que, no Peru, se tem uma educação nacional sem um espírito nacional, ou seja, uma educação perpassada pelo espírito colonial e/ou mentalidade colonial. Para tanto basta ver o desprezo aos índios seguido de um processo de desindianização dos mesmos.

A Reforma de Córdoba, que ocorreu em 1918, foi a primeira grande tentativa de democratização da universidade latino-americana protagonizada pelos estudantes, fazendo surgir uma geração contestadora na região. O espírito dessa reforma, diz Mariátegui, apresentou-se com idênticas reivindicações em todas as instituições de ensino superior da América Latina, já que os jovens, uma vez levados ao confronto por questões peculiares de sua própria vida, pareciam falar a mesma linguagem. Exigiam eles três postulados fundamentais: a intervenção dos alunos no governo das universidades; a criação do cargo de professor com dedicação exclusiva; e a manutenção de cátedras livres, junto às oficiais, com idênticos direitos para os docentes de reconhecida capacidade. A consequência de tão grande movimento foi a busca pela democratização da universidade e o enfrentamento com as oligarquias

na sociedade latino-americana. Córdoba – continua Mariátegui – tornou-se a afirmação de um “espírito novo”, entendido como revolucionário¹.

Embora a ideologia do movimento estudantil não dispusesse, inicialmente, de homogeneidade e autonomia – pelo contrário, sofria influência de ideias democrático-liberais –, sua aproximação e colaboração com os sindicatos operários definiu sua orientação política na luta, transformando-a em uma bandeira de mudança da sociedade latino-americana. Não se pode esquecer da participação dos estudantes no fim do Estado oligárquico em vários países da América Latina.

Fatos da conjuntura internacional da época também tiveram sua ingerência na Reforma de Córdoba, tais como a realidade do Pós-Primeira Guerra Mundial com o novo ciclo que se avizinhava, despertando nos jovens “a ambição de cumprir uma função heroica e de realizar uma obra histórica”; a crise do Estado primário-exportador com a oligarquia assistindo, sem desaparecer como classe, ao fim de seu projeto político; as revoluções mexicana e russa, uma permitindo que a burguesia agrária tomasse o poder, marcando o começo da idade contemporânea na América Latina, e a outra criando o primeiro Estado socialista, dando início à Guerra Fria entre dois sistemas antagônicos; e a proletarização da classe média, tendo a universidade, entre seus alunos, um contingente muito grande pertencente a esse estrato social.

Em estreita relação de solidariedade, estudantes e operários não só aderiram às ideias socialistas como também ao estudo da teoria marxista, desembocando na concepção de uma universidade popular. “Da universidade”, afirma Mariátegui, “saíram, em todos os países latino-americanos, grupos de estudiosos de economia e sociologia que puseram seus conhecimentos a serviço dos operários, dando a estes, em alguns países, uma direção intelectual até então desconhecida”².

O movimento dos estudantes de Córdoba mostra que não é possível democratizar a universidade sem democratizar a sociedade, ou seja, sua economia, sua política, sua cultura, enfim, sua superestrutura. Revela que, portanto, tornar a universidade uma instituição democrática é uma tarefa de todos, principalmente do movimento estudantil, em estreita colaboração com os movimentos progressistas em geral.

No Brasil, o grande movimento pela democratização da universidade se deu no final da década de 1950 e início da de 1960. Passava-se, então, do período nacional-desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek para o do nacional-popular de Jânio Quadros e João Goulart. No cenário internacional, o país evoluía da criação da Operação Pan-Americana (OPA) para a estratégia da Política Externa Independente (PEI), sendo essa a política externa mais avançada de nossa história. Internamente, a busca do desenvolvimento transitou de um Plano de Metas que pretendia avançar “cinquenta anos em cinco”, dentro de uma perspectiva de capitalismo associado, para o estabelecimento das reformas de base – entre elas a universitária – hegemônicas pelos sindicatos de classe e pelo movimento estudantil. O grande debate teórico sobre a superação de nosso atraso histórico

¹ MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. México: Editora Era, 1979, p. 109 e ss.

² MARIÁTEGUI, José Carlos. Op. cit., p. 114.

fora capitaneado pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), cujos cadernos, comprados nas bancas de jornais, apresentavam uma saída nacional-popular, quando não a marxista, na busca do desenvolvimento do país. Toda esta conjuntura de discussões e realizações acontecia, em grande parte, por conta do segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), que se havia caracterizado pelo caminho de desenvolvimento marcado por uma ideologia nacionalista, por uma oposição ao colonialismo, por um questionamento ao imperialismo e pelo estabelecimento de uma infraestrutura que possibilitasse ao Brasil dar um salto histórico.

O movimento estudantil, que participou de todos estes acontecimentos, leva para o interior da universidade brasileira a bandeira da mudança. Para Álvaro Vieira Pinto

Este momento merece, com razão, ser chamado pré-revolucionário, porque, embora as classes dominantes não o desejem, e tudo façam, é claro, para conjurar o perigo que as ameaça, as camadas populares estão começando a se convencer de que somente sua decidida ascensão lhes dará meios para realizar as reformas que consideram urgentes³.

Por que o Simpósio internacional "Mariátegui no Século XXI" na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na cidade de Florianópolis, Brasil? Na verdade, o Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, criado em 1975, jamais havia tido um trabalho de pesquisa, no campo da história das ideias, sobre José Carlos Mariátegui. A primeira dissertação sobre este autor leva o nome de o "Conceito de Nação em Mariátegui" cabendo tal tarefa ao mestrando Elvis Humberto Poletto, cujo resumo está publicado no livro *Mariátegui em el siglo xxi – textos críticos* (Librería Editorial Minerva – Miraflores – Lima 2012).

Por outro lado, não se pode deixar de registrar o preconceito de muitos programas de pós-graduação por temas marxistas e, obviamente, por Mariátegui. Daí a importância do trabalho sobre o "Conceito de Nação" realizado pelo mestrando Poletto que motivou o Simpósio Internacional sobre Mariátegui no Século XXI.

³ PINTO, Álvaro Vieira. *A questão da universidade*. São Paulo: Editora Cortez, 1986, p. 12.